

RESENHA

Marcone Bezerra Carvalho*

Febvre, Lucien. **Martinho Lutero, um destino**. Tradução de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Três Estrelas, 2012. 359 p.

O ano de 2017 foi importante para o mundo protestante. Dentro e fora do Brasil ocorreram celebrações alusivas aos 500 anos da Reforma. Ou melhor, àquilo que se costumou considerar o ato deflagrador da mesma: a publicação das 95 teses de Lutero em 1517. Mais do que as comemorações em si, a data se presta à avaliação do legado dos reformadores. Por conta disso, um livro lançado no Brasil em 2012 reivindica especial atenção: *Martinho Lutero, um Destino*, de Lucien Febvre (1878-1956). A obra é um clássico.

Passados 84 anos desde o seu aparecimento, o público brasileiro teve, finalmente, o texto de Febvre ao seu alcance. Originalmente publicado na França em 1928, *Martin Luther, un Destin* já havia sido vertido para o inglês (1929), italiano (1949), espanhol (1956), português luso (1976) e alemão (1996).¹ Em nosso país, alguns conheciam a obra através das edições espanhola e portuguesa. Seu autor dispensa maiores apresentações. Febvre é um dos historiadores mais conhecidos do nosso tempo e, em parceria com Marc Bloch (1886-1944), fundou o movimento conhecido como *Escola dos Annales*, “a revolução francesa da historiografia”.² No campo da história, não se sabe de outra corrente que tenha sido mais influente no século 20.

* Pastor da Primeira Igreja Presbiteriana de Santiago, no Chile; diretor do Centro Latino-Americano de Estudos Reformados (CLER) e doutorando em história pela Universidade de Los Andes, Chile.

¹ Edição original: *Martin Luther, un destin*. Paris: Presses Universitaires de France, 1928. Traduções: *Martin Luther: A Destiny*. New York: E.P. Dutton & Co., 1929; *Martin Lutero*. Firenze: Barbera, 1949; *Martín Lutero: un destino*. México: Fondo de Cultura Económica, 1956; *Martinho Lutero: um destino*. Lisboa: Bertrand, 1976; *Martin Luther*. Frankfurt: Campus Verlag, 1996.

² A expressão é o subtítulo do livro de Peter Burke: *A escola dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 2010.

Febvre era um exímio conhecedor do período da Reforma Protestante. Seus grandes estudos biográficos se dedicam a personagens do século XVI: Felipe II (1911), Lutero (1928) e Rabelais (1942). *Martin Luther, un Destin* foi escrito no período de entreguerras – quando os homens estão “pouco preparados para avaliar com sangue-frio” (p. 322) – e lançado um ano antes do nascimento da *Revue des Annales*. Convém lembrar, contudo, que o interesse do historiador francês pelo reformador alemão pode ser rastreado desde os anos 1919-1922.³

A obra está dividida em três partes – que representam, segundo o autor, as mais férteis etapas da vida de Lutero: I – o esforço solitário (1505-1516, p. 23-94); II – a maturidade (1517-1521, p. 95-240), e III – o retraimento em si (1522-1525, p. 241-344). Como se vê, Febvre se concentra em 20 anos da vida de Lutero, considerando que seu maior interesse está no “Lutero amadurecido, que, entre 1517 e 1525, com tanta força ocupa no palco do mundo seu heroico papel de profeta inspirado” (p. 11), razão pela qual descarta o estudo do “Lutero hipotético dos anos da juventude” (p. 11) e do “Lutero cansado, exaurido, desencantado, que feneceria entre 1525 e 1546” (p. 12).

A opção de Febvre em deter-se apenas no “Lutero amadurecido” foi, em si mesma, uma inovação, visto que os biógrafos costumavam interpretar a vida inteira do personagem analisado. Outro aspecto digno de menção reside na primeira frase do prefácio original: “Uma biografia de Lutero? Não. Uma opinião sobre Lutero, nada mais” (p. 11). Com essa afirmação aparentemente despretensiosa, Febvre estava atacando a maneira tradicional de se escrever biografias, por meio da qual os autores acreditavam dar a última palavra acerca dos biografados, sempre emitindo, não somente no caso do monge agostiniano, um juízo, “quer a seu favor, quer contra ele” (p. 26). Por sua vez, Febvre buscou “compreender e, na medida do possível, dar a compreender” (p. 12), “retraçar a curva de um destino” (p. 184), sugerindo que, em relação a Lutero, falar em certeza é agir como tolo (p. 49). A palavra destino, no título da obra, revela outra ênfase de Febvre, que tem a ver, por um lado, com a imagem que se construiu de Lutero na história e, por outro, com o destino da própria Alemanha após ele. O desfecho do livro parece não deixar qualquer dúvida sobre esse duplo sentido: “Não julgamos Lutero. Apenas estendemos... a curva sinuosa e *bifurcante* de um destino póstumo” (p. 322, destaque nosso).

Nas primeiras 70 páginas, deparamo-nos com o olhar revisionista de Febvre quanto à maneira como Lutero vinha sendo interpretado desde o século XVI.⁴ Vê-se, aí, um dos traços pelos quais ele é lembrado até hoje: sua crítica

³ Cf. Olábarri, Ignacio. Qué historia religiosa: El *Lutero* de Lucien Febvre. In: Garayoa, Jesús M^a Usunáriz. *Historia y Humanismo: Estudios en honor del profesor Dr. D. Valentin Vázquez de Prada. I*. España: Ediciones Universidad de Navarra, S.A. (EUNSA), 2000, p. 401-403.

⁴ A primeira biografia de Lutero havia sido escrita por seu amigo e discípulo Filipe Melanchton, em 1546.

aos historiadores que não questionavam adequadamente as fontes (p. 27) e seu domínio historiográfico do tema. Mesmo o Lutero, dizia Febvre, que em seus escritos de 1545 rememorava os feitos de 1515, deveria ser confrontado e questionado por seus intérpretes (p. 33-34). Seus comentários sobre a forma como a imagem de Lutero foi construída se misturam ao impacto “revolucionário” causado pela obra do padre Heinrich Denifle, *Luther und Luthertum*, de 1904. Com a obra de Denifle, “o chão ficou coberto de destroços” (p. 51) ... “teve início a triagem” (p. 52). Depois dela, “de todos os lados, vindos de pensadores diversos, novos problemas se colocaram” (p. 52).

Ao longo do livro, sobressaem-se algumas abordagens que contribuíram para fazer da obra um clássico e projetar o modelo historiográfico que pouco a pouco ia ganhando corpo. Percebe-se, frequentemente, o método de Febvre, ou melhor, seu esforço em entender Lutero *psicologicamente* (cf. p. 67, 78, 92, 105, 110, 134, 139, 194, 203, 221 e 276). “Um historiador que também seja psicólogo”, ele insiste. Interpretar o monge não somente a partir do que se escreveu sobre ele, mas segundo o próprio Lutero, era o que mestre francês tinha em mente. Para tanto, ele faz abundante uso de cartas (que são “*documentos psicológicos*”, cf. p. 139, destaque nosso) e escritos do reformador. Essa abordagem revela como a força de teorias relacionadas à psique humana se faz presente na obra de Febvre e de alguns historiadores dos *Annales*, o que abriu caminho para o que depois ficaria conhecido como história das mentalidades.

Esse esforço de interpretar Lutero na sua essência, “o verdadeiro Lutero, o Lutero de Leipzig, de Worms, de Wartburgo” (p. 265), devia-se ao pressuposto febvreano de que compreendê-lo corretamente o ajudaria a entender a sociedade germânica do século 16. “A Alemanha era um país sem unidade” (p. 120), cujos verdadeiros governantes eram os príncipes. Foi o eleitor Frederico que salvou Lutero de Roma (cf. p. 207). Febvre demonstra que, nesse ambiente que já conhecia as ideias de Erasmo de Roterdã, as condições sociais permitiram que o grito do monge ecoasse mais longe do que ele mesmo antecipou. A partir do indivíduo, o autor interpreta a coletividade, a sociedade da época, demonstrando a importância da conjuntura histórica sem diminuir o protagonismo de Lutero, que foi “a voz da Alemanha inquieta... que esperava apenas um sinal, um homem, para revelar em público seus secretos anseios” (p. 116). Assim, para Febvre, Lutero foi a faísca atirada em uma floresta seca, a Alemanha, de tal maneira que é difícil saber quem foi mais influente nessa relação: “Ora, nesse complexo de fatos, ideias e sentimentos, quem definirá exatamente o que veio da Alemanha para Lutero ou, inversamente, de Lutero para a Alemanha?” (p. 321).

Faz-se necessário observar que o Lutero de Febvre não é o reformador religioso ou político, como frequentemente é lembrado por muitos. Com propriedade, o biógrafo demonstra que o monge foi guiado por sua consciência e não por um plano previamente formulado. Na realidade, diz Febvre, Lutero

fracassou em seu intento de reformar o cristianismo (p. 314). A Reforma não aconteceu, mas, sim, as reformas locais, que, como sabemos, originaram as variações protestantes. Eis a grande contribuição de Lutero ao mundo, seu “título de glória” (p. 317), diz o historiador francês:

E por ter estabelecido o cisma sem restabelecer a unidade; enfraquecido e diminuído materialmente a Igreja Católica; criado condições propícias para o surgimento de incontáveis seitas; suscitado a discussão, entre os laicos, de questões religiosas; exposto a Bíblia ao olhar dos curiosos – por tudo isso, e muito mais, é certo que o Reformador merece o reconhecimento de homens que ele não cessou de combater e detestar (p. 317).

Pode-se dizer que, como “Calvino não foi Calvino porque quis ser Calvino”,⁵ Lutero não foi, em seu mundo do século XVI, o personagem revolucionário que a história consagrou. Essa correção, necessária, devemos, em muito, a *Martin Luther, un Destin*.

O paradoxo relacionado ao livro é o de não confirmar o desejo de Febvre de que seu texto não fosse recebido como uma biografia de Lutero – detalhe observado pela historiadora Sabrina Magalhães Rocha: “Que o próprio Lucien Febvre tenha querido afastar de sua obra o epíteto de biografia, é algo de que não resta dúvida. Mas o fato de o autor enunciar o que sua obra não é faz com... que os leitores não possam lê-la nessa direção?”⁶ De fato, a obra tem sido quase sempre mencionada como a biografia de Febvre sobre Lutero. Nesse aspecto, a história tem sido mais forte que a vontade do autor.

Sobre a edição da Três Estrelas, há de ser ressaltada sua qualidade. A arte da capa, a apresentação gráfica do conteúdo e a fluidez do texto são apreciáveis. A tradução foi realizada por Dorothee de Bruchard, filha de franceses e com vasta experiência em edição e tradução. Enriquecem o livro a nota bibliográfica do próprio Febvre e o posfácio de Robert Mandrou, assim como o prólogo do autor à edição original (1928) e à segunda edição (1944).

Recomenda-se, assim, a leitura da obra, que passou a ser indispensável a todos os que se interessam pelo tema da Reforma Protestante. Concordemos ou não com a interpretação de Febvre, o fato é que, com a aparição de seu livro, Lutero nunca mais foi o mesmo.

⁵ Febvre, Lucien. “Calvino”. In: *Revista de História*. São Paulo: USP, 1952, p. 258. O texto é a transcrição da conferência dada por Febvre na Universidade Presbiteriana Mackenzie em setembro de 1949. Conferir nota de rodapé n. 1. Disponível em <http://revhistoria.usp.br/images/stories/revistas/012/A001N012.pdf>. Acesso em: 7 set. 2016.

⁶ Rocha, Sabrina Magalhães. “O Lutero de Lucien Febvre: uma discussão sobre biografia e história da historiografia”. In: *História da Historiografia*. Nº 16. Ouro Preto, MG: SBTHH, UNIRIO & UFOP, 2014, p. 285. Disponível em <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/download/755/509>. Acesso em: 7 set. 2016.